

POLÍTICAS DE MULTICULTURALISMO, CULTURA DA JUVENTUDE E IDENTIDADE DE SEGUIDORES DO ESTADO ISLÂMICO NO REINO UNIDO

Hannah Romã Bellini Sarno¹

Resumo: O artigo discute aspectos das políticas relativas ao multiculturalismo no Reino Unido e da cultura da juventude na Europa, para depois relacioná-los ao percurso de Junaid Hussein, um dos cinco jovens britânicos que se vincularam ao EI cujas trajetórias são enfocadas na investigação de doutorado intitulada “Comunicação do Estado Islâmico, multiculturalismo e identidade: trajetórias de adeptos do Reino Unido”. A história singular de Hussain, associada ao Anonymous e mais tarde ao EI, ilustra a busca de jovens por referenciais e por um senso de agência em uma sociedade fragmentada, um contexto de crise identitária pós globalização, declínio das grandes narrativas políticas, midiatização e individualismo. Sua trajetória evidencia a eficácia das mensagens do EI em capitalizar a frustração, o vazio e a revolta de uma geração de indivíduos desconectados intelectualmente, socialmente e geograficamente do lugar e da religião dos seus antepassados, discriminados no país em que nasceram e/ou cresceram.

Palavras-chave: multiculturalismo; cultura da juventude; identidade; Estado Islâmico; Reino Unido.

Neste texto faço uma reflexão sobre questões atinentes à pesquisa que desenvolvo no doutorado, intitulada “Comunicação do Estado Islâmico, multiculturalismo e identidade: trajetórias de adeptos do Reino Unido”. São explorados aqui aspectos das políticas relativas ao multiculturalismo no Reino Unido e da cultura da juventude na Europa, para depois relacioná-los ao percurso de Junaid Hussein, um dos cinco jovens britânicos que se vincularam ao EI cujas trajetórias minha investigação enfoca. A proposta geral do projeto não é simplesmente entender certos atributos do EI, os modos como seguidores se relacionam com ele e os fatores que contribuem para que isto ocorra, mas explorar de que formas o próprio grupo interage com um conjunto de elementos da contemporaneidade.

Multiculturalismo, política e identidade no Reino Unido

Uma questão que se afigura como central ao se procurar compreender trajetórias de adeptos do EI no Reino Unido é a do multiculturalismo e das políticas voltadas para esse fenômeno no contexto britânico. De acordo com Kenan Malik, o paradoxo presente nas políticas multiculturais, principalmente nesse contexto, é justamente o fato delas

¹ Doutoranda do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, UFBA.
E-mail: hannahrbellini@gmail.com

reconhecerem a diversidade – e portanto a necessidade de ações direcionadas para ela – ao mesmo tempo em que lidam com a diferença somente por referência ao perfil de cada grupo minoritário. A diversidade é institucionalizada através da compartimentalização de pessoas em blocos étnicos e culturais, e da definição de suas necessidades e direitos de acordo com isso. Essas políticas acabaram contribuindo para acentuar as divisões que deveriam amenizar. Como resultado, passou-se a “definir solidariedade social não em termos políticos mas em termos de etnia, cultura ou crença” (Malik, 2015).

O autor observa que o termo multiculturalismo adquiriu, nos últimos anos, dois significados, cuja diferença é raramente considerada. O primeiro é o da experiência vivida da diversidade, em uma sociedade caracterizada por menos isolamento e mais cosmopolitismo. O segundo diz respeito a um conjunto de políticas voltadas para o gerenciamento e a institucionalização da diversidade. É este que tornou-se predominante. Malik chama atenção para o fato de que esta concepção está fundada em noções simplificadas a propósito do que é cultura, do que é identidade, dos aspectos particulares da imigração, da história da Europa e de valores ocidentais (Malik, 2014, p. 6-10).

Duas décadas atrás, a ideia de multiculturalismo – como celebração da diferença e respeito pelo pluralismo – foi tida como um elemento estruturante das democracias liberais modernas e uma resposta progressista a problemas sociais da Europa. Em 2000 foi publicado o Relatório Parekh, um diagnóstico da *Comission for the Future of Multi-Ethnic Britain*, cuja principal conclusão é a de que o Reino Unido era uma “comunidade de comunidades”, na qual a igualdade deveria ser definida de uma forma “sensível à cultura e aplicada de uma maneira discriminada mas não discriminatória” (Malik, 2014, p. 51-52).

As concepções expressas no relatório são resultado de um longo processo que teve início em meados do século XX, envolvendo as relações entre os diferentes grupos constituintes da sociedade britânica. Nesse processo, ocorreu uma redefinição da ideia de relações raciais e o próprio significado de igualdade civil foi alterado, já que não era mais esperado que todos os cidadãos se comportassem de forma homogênea. Os direitos e deveres eram diferenciados de acordo com o tipo de comunidade de se fazia parte, com o tipo de minoria com a qual o indivíduo se identificava ou, mais importante, com o tipo de comunidade ou minoria à qual o Estado entendia que a pessoa devia pertencer. A noção de que valores compartilhados são centrais para a convivência é desafiada nesse modelo. A difícil e complexa tarefa de equalizar as diferenças dentro de uma sociedade coesa foi “solucionada” através da valorização da diferença, com a alocação de recursos, e a

participação política e social organizadas nessas bases. De certa forma, a rígida política de fronteira e o policiamento na imigração foram reproduzidos internamente através de fronteiras imaginárias de pertencimento (Malik, 2014, p. 8). Constituiu-se uma espécie de multimonoculturalismo, na expressão cunhada por Amartya Sen (Malik, 2014, p. 64).

O desenrolar desses processos acabou por acentuar as diferenças, e coibir liberdades e direitos que se propunha a preservar. Indivíduos não são entendidos somente como seres culturais e sim como representantes de uma cultura específica. Malik nota que, entre as consequências desastrosas da maneira como a diversidade foi tratada, não está somente a ideia de que é possível se ter comunidades homogêneas na sua diferença em relação às demais, mas que alguns indivíduos, geralmente os que manifestam certas características consideradas como paradigmáticas, podem ser tomados como representativos de um todo (Malik, 2014, p. 65). Esse padrão cria condições de possibilidade para que os críticos da diversidade possam forjar o oponente ideal. Múltiplas identidades acabam estereotipadas num modelo único que é esperado e até prescrito, e certos grupos se tornam repreensíveis com base no comportamento de alguns de seus membros. Identidades raciais, étnicas, de gênero ou sexualidade, quando pensadas sob esse enquadramento, são particularmente limitadoras, uma vez que se apresentam quase como um destino, biologicamente preparado, ou uma cultura herdada dos antepassados, que o indivíduo deve reproduzir. Enquanto se permite que a identidade do “inglês típico” branco trafegue e seja permeada por inúmeras referências culturais, essa liberdade não é estendida àqueles considerados como “outros”, de quem se espera imutabilidade de acordo com um padrão básico.

Esses essencialismos são especialmente evidentes no caso dos muçulmanos, tanto no modo como a comunidade e seus membros são percebidos pelos outros, quanto na maneira pela qual, internamente, esses indivíduos e grupos passam a perceber a si próprios. Segundo Stuart Hall, a identidade “é formada e transformada continuamente em relação às formas como somos representados ou tratados no sistema cultural que nos cerca” (Hall, 2015, p. 16). Esse cenário se intensificou principalmente após o ataque ao World Trade Center em 2001. Nenhum outro grupo tem suas tradições e crenças representadas como tão incompatíveis com valores ditos “ocidentais”. Mesmo que a identidade de um muçulmano na contemporaneidade não se limite à sua prática religiosa ou a certos aspectos do seu comportamento, a hiper-representatividade desses atributos e do grupo, na grande mídia, é singular. O quadro social que resulta disso inclui a formação de identidades tanto pelo mecanismo que Hall chama de “tradução”, quanto pelo que ele denomina “tradição”. O

primeiro refere-se às condições de pessoas que mantêm vínculos estreitos com seus lugares e tradições de origem, mas sem a possibilidade de retorno a eles. O segundo diz respeito às tentativas de reconstruir “identidades purificadas” (Hall, 2015, p. 52-56).

Embora os padrões de imigração dos muçulmanos não tenham sido muito diferentes dos demais no Reino Unido – com a primeira geração lá chegando nos anos 1950 e 60, a segunda geração nascida e criada no país nos anos 1970 e 80, e a terceira geração constituída aproximadamente a partir de 1990 – a noção de que, desde o início, eles tiveram maior dificuldade de inserção cultural permanece. A terceira geração é, paradoxalmente, a mais ocidentalizada e a mais preocupada em afirmar a sua diferença, de origem, de pertencimento e de lealdade. Embora hoje um jovem de origem muçulmana em Londres tenha muito mais características em comum com outros jovens nas grandes capitais mundiais em relação ao tênis que usa, à música que ouve e às expressões que utiliza para se comunicar, ele se percebe e é percebido com o enfoque da diferença. No entanto, o tipo de Islã com o qual ele se identifica é inteiramente distinto da religião praticada por seus pais ou avós. Em vez de se encontrarem entre culturas, os integrantes dessa geração habitam uma espécie de vazio cultural, desconectados intelectualmente, socialmente e geograficamente do lugar e da religião dos seus antepassados, e discriminados no país em que nasceram e/ou cresceram.

Nesse sentido, a questão geracional adquire grande relevância. Malik observa que, de uma forma geral, alienação, revolta e a busca de identidade fazem parte do imaginário da juventude. O que confere particularidade ao momento atual é “o contexto social em que essa alienação e essa procura ocorrem”. No relatório intitulado *The Role of Muslim Identity Politics in Radicalisation*, publicado em 2007, Tufyal Choudhury afirma que a radicalização religiosa de jovens muçulmanos “normalmente envolve uma procura por identidade em um momento de crise [...] quando explicações e sistemas de crenças anteriores se tornam inadequados para explicar experiências individuais” (Malik, 2012, p. 216-217). Políticas identitárias inflexíveis em uma sociedade fragmentada, crise identitária pós globalização, declínio das grandes narrativas políticas, mediatização, individualismo, xenofobia e niilismo são alguns dos elementos que sobressaem entre as circunstâncias em que essa identidade é formada no Reino Unido.

O Islã adotado por eles não é fundado em práticas sociais ou embasado em conhecimento teológico consistente. Tendo emergido entre culturas e deslocamentos, esse “Islã globalizado”, na formulação de Olivier Roy (2006), é uma resposta religiosa para uma

crise identitária, nem “tradição”, nem “tradução”. O autor observa que a noção de religião como identidade, notadamente em sociedades majoritariamente seculares, reforça a ideia da existência de um conflito entre um “nós” e um “eles” (Roy, 2006, p. 35). No caso específico do Islã, para um grupo de jovens na Europa, a identidade religiosa é tida como uma identidade de protesto. A chamada “comunidade muçulmana” é constantemente intimada a dialogar com as posições mais radicais, a repudiá-las ou explicá-las, como se um posicionamento nas margens representasse o todo. Um jovem descendente de paquistaneses, bangladenses, turcos ou argelinos será considerado primordialmente como um muçulmano, sem que qualquer nuance seja atribuída a essa variedade de proveniências culturais e às particularidades das trajetórias e escolhas individuais. Isso levou muitos jovens nascidos na Europa, e que nunca haviam de fato vivido em sociedades majoritariamente muçulmanas, a se perguntarem quem eram, o que representava o Islã para eles. Consciente do quadro aqui descrito, em uma clara referência às questões relativas ao pertencimento nacional e à identidade étnica, o EI, em uma peça de propaganda de 2015, convidava muçulmanos a “viver” no “único país verdadeiramente global”, o lugar “mais etnicamente diverso do mundo”.² Em especial diante do insucesso das Primaveras Árabes, o apelo do EI para jovens muçulmanos no Ocidente invoca “um senso de pertencimento a uma *Umma* vigorosa representando certeza em um mundo islâmico cada vez mais inseguro” (Atwan, 2015, p. 161).

Esse novo Islã, desterritorializado, desprovido de nuance, que exerce uma forte sedução para um determinado grupo de jovens, os separa também dos outros muçulmanos e das demais comunidades religiosas. Destituídos de referencial, eles passam a ver qualquer acordo de convivência como concessão, já que a intenção é chocar, adotar uma identidade extrema. Não é a continuidade de uma tradição, uma volta às origens, ou mesmo uma reinvenção, e sim uma criação inteiramente nova.

O EI e a cultura da juventude

Outro elemento associado à vinculação de indivíduos ocidentais ao EI é explorado por Olivier Roy, para quem o jihadismo do Ocidente é um movimento que não pode ser desvinculado da “cultura da juventude” nessas sociedades e que é constituído independentemente das referências culturais e religiosas da geração anterior à dos jovens

² Disponível em <https://twitter.com/charliewinter> (post 19/12/2015). Acesso em: 24/01/2016.

radicalizados. A dimensão de conflito geracional, considerada pelo autor como fundamental, implica uma postura iconoclasta.

Roy argumenta que temos que ter em conta que o terrorismo que se caracteriza pela busca deliberada da morte, e grupos como a Al-Qaeda e o Estado Islâmico “são fenômenos novos no mundo islâmico e não podem ser explicados apenas pelo aumento do fundamentalismo”. Sua tese é a de que “o terrorismo não emerge da radicalização do Islã, mas da islamização do radicalismo” (Roy, 2017, p. 6). As análises do autor focalizam os jihadistas franceses mas, em muitos momentos, ele estende seu escopo fazendo referência ao fenômeno em outros lugares da Europa.

De acordo com Roy, um elemento central a ser considerado é a nova ênfase dos terroristas em sua própria morte, o que não se observava entre militantes islamistas duas décadas atrás e que é até censurável do ponto de vista de uma visão mais ortodoxa do Islã – que, mesmo reconhecendo os méritos do mártir, não aprova o suicídio porque este anteciparia a vontade de Deus (Roy, 2017, p. 56-63). A cultura jihadista tem um paralelo com o niilismo característico da juventude contemporânea (Roy, 2017, p. 53-54), mais do que com a crença islâmica ou com uma estratégia política de estabilização social no Oriente Médio.

No caso do EI, não há um objetivo claro, uma negociação possível. Nas palavras de Roy, “o califado é uma fantasia [...] o mito de uma entidade ideológica constantemente expandindo seu território”. A estratégia política do grupo é o conflito pelo conflito, não de construção de uma realidade utópica mas de destruição per se (Roy, 2017, p. 4-5). O que atrai os adeptos é principalmente a ideia da “revolta pura”.

O autor examina um conjunto de características recorrentes nos perfis dos jihadistas objeto de sua investigação. Eles fazem parte principalmente de uma segunda geração, de início encontravam-se bastante integrados nas comunidades e depois envolveram-se com crimes menores. A isso em geral seguiu-se a radicalização na prisão, os ataques e a morte, com armas na mão, em enfrentamento aberto com a polícia. 25% são convertidos, o que põe em questão a ideia da existência de uma relação estreita com suas origens étnicas. Em todos os países ocidentais, a grande maioria é composta por muçulmanos “renascidos”, os quais retomaram a observância religiosa, individualmente ou em grupos pequenos, após terem tido uma vida marcadamente secular (Roy, 2017, p. 21-22). A maior parte apresenta fortes ligações como a cultura da juventude contemporânea. Além do aspecto que tem sido bastante ressaltado – o do amplo domínio de técnicas de comunicação – deve-se destacar a

frequência a clubes noturnos, e a relação com garotas e bebidas alcólicas. Ainda, o hábito de vestir-se de acordo com a *streetwear* (bonés, *hoodies*..) e o gosto musical, com destaque para o rap. A língua falada é a de seu lugar de residência, com uso frequente de gíria (Roy, 2017, p. 27-29).

Esses indivíduos não se radicalizaram por meio da leitura dos textos sagrados ou no contexto de uma instituição religiosa mais convencional, por eles tida como a religião dos seus pais, daqueles que se submeteram à lógica colonial. Seu domínio da língua árabe é, no mais das vezes, precário. Sua atração pelo movimento não se deve à solidariedade com respeito à opressão aos muçulmanos. Não são originários da Palestina, da Líbia ou do Afeganistão. O espectro de seu pertencimento social é complexo e não seria correto afirmar que são necessariamente excluídos nas sociedades europeias. A partir da observação desses atributos gerais, Atwan argumenta que “a bandeira negra do Estado Islâmico se tornou um aglutinador político e sócio cultural na mesma medida (ou até mais) que uma afirmação religiosa” (Atwan, 2015, p. 161).

Entretanto, os jihadistas creem verdadeiramente nos princípios da versão do Islã que adotaram, associada a um imaginário de heroísmo e violência contemporânea, que difere mesmo da versão do EI fundada na tradição de exegese dos *hadith* do profeta Maomé, encontrada em artigos de revistas como *Dabiq* e *Dar al-Islam*. São radicais “por escolha, porque somente o radicalismo os atrai” (Roy, 2017, p. 42). O EI provê a “racionalização teológica” que ecoa com o imaginário radical de um “público” já preparado para aceitá-la. O Islã, para eles, representa aquilo que é subversivo e perigoso, o credo daqueles que não conformam. Eles deixam para trás um mundo real, sua configuração geopolítica, inclusive causas históricas específicas dos muçulmanos (e. g. a causa palestina, a luta anticolonialista, ou a luta contra o sofrimento de outras populações islâmicas) e vão para um mundo imaginário. Seus “nomes de guerra” designam países reais (*al-Belgiki*, *al-Aleman*i, *al-Britanni*..) mas eles vão, não para a Síria, mas para *Sham*. Lá, jovens dos subúrbios das metrópoles europeias se tornam homens atraentes dirigindo SUVs, com cabelos e bandeiras ao vento, empunhando armas (Roy, 2017, p. 41-53). Tornam-se parte de uma espécie de gangue, cujo comportamento não é consistente com aspectos característicos do Salafismo, como o respeito pelos pais ou a modéstia sexual.

Sua atração pela violência não é canalizada para o protesto político ou constitui uma consequência de um processo de radicalização do Islã. Ela reflete outros tipos de radicalismo na sociedade contemporânea, associados à globalização, à perda de território

identitário, à falência das grandes narrativas e do discurso e políticas de multiculturalismo, à radicalização da subjetividade, à cultura da aparência, etc.

Roy discute ainda os processos dos quais teria emergido a radicalização objeto do seu estudo, que afeta prioritariamente membros das chamadas segundas gerações e convertidos. Argumenta que essas duas categorias, por conta de sua situação ou por escolha, perderam “a religião fundada na cultura” de seus pais. Houve uma “desculturação da esfera religiosa”, o que os levou a construir uma religião sem uma base social e cultural sólida. A secularização e o declínio do sentimento religioso nas sociedades europeias também são fatores relevantes do processo. O afastamento da religião, inclusive do Islã, da esfera pública, cria espaço para radicais e para o autodidatismo, em especial via Internet (Roy, 2017, p. 63-67).

A centralidade da atração que o EI exerce junto a um público jovem e transnacional também é apontada por Javier Lesaca. O foco principal do seu estudo é a comunicação do grupo, desde o primeiro vídeo em inglês, da decapitação do jornalista americano James Foley em agosto de 2014, até abril de 2017. Lesaca observa que o EI inaugurou o terrorismo moderno com uma estratégia de comunicação digital em múltiplas plataformas e se apropriou de uma estética da geração comumente chamada de *millennial*, usando uma linguagem concebida para atingir esse público, inclusive por meio da reciclagem de formatos e imagens de programas, videogames e filmes. Essa estratégia foi possibilitada pela evolução tecnológica gerada pelas redes sociais, e pela disseminação de dispositivos móveis e aparatos eletrônicos de gravação e edição de imagem em alta qualidade (Lesaca, 2017, p. 30). O grupo formula suas mensagens buscando capitalizar a frustração, o vazio e a revolta dessa geração, assim como os deslocamentos identitários característicos da contemporaneidade. Com base na análise do material produzido pelo EI, o autor conclui que o terrorismo do grupo é um “fenômeno de comunicação” (Lesaca, 2017, p. 29) direcionado predominantemente para os jovens.

Uma ilustração da homologia entre a comunicação digital do EI e a linguagem dos jogos online é o tweet (em uma conta agora desativada) de uma das mais importantes lideranças do grupo, o especialista em informática britânico Juneid Hussein, em 2014, convocando seguidores para participar do que ele qualifica como o Call of Duty “real”: “You can sit at home and play Call of Duty or you can come here and respond to the real call of duty [...] the choice is yours” (Murphy, 2015). Diversos artigos produzidos a partir do exame de vídeos do EI, e de entrevistas com participantes que desertaram e/ou que estão

presos chamam atenção para o fato de estes vídeos terem sido coreografados, ensaiados e editados a partir de múltiplas tomadas de cena. O material audiovisual evidencia o cuidado com a iluminação, o som e o posicionamento de câmera, em certos casos aparentando incluir efeitos especiais. Os entrevistados apontam para a dimensão e importância da divisão de mídia do grupo, na qual os membros mais qualificados recebem as remunerações mais altas e exercem autoridade equivalente à dos chefes militares em sentido estrito (Miller e Mekhennet, 2015).

Junaid Hussain – TriCk – Abu Hussain Al Britani: o anarquista, o idealista e o jihadista

Em agosto de 2015, quando foi morto em um bombardeio das forças armadas americanas nas proximidades de Raqqa na Síria, Junaid Hussain tinha 21 anos e era o terceiro homem mais procurado do Estado Islâmico (Gadher, 2015). Na lista de alvos do exército americano no EI ele estava somente atrás do seu líder, Abu Bakr al-Baghdadi, e de outro britânico, Mohammed Emwazi, o “Jihadi John”. Sua execução também marcou a primeira vez na história em que um hacker foi considerado perigoso o suficiente para ser morto com um drone.³

De origem paquistanesa, Junaid Hussain nasceu em 1994 em Birmingham, segunda maior cidade do Reino Unido, também conhecida como a “capital do Jihad” no país, devido à alta concentração de habitantes muçulmanos. Os detalhes da sua história familiar não são muito claros, mas se tem indícios de que sua vivência em família não foi pautada pelo zelo religioso. No episódio do programa *Mostly Human* da CNN, em que a jornalista Laurie Seggal explora a trajetória de Hussain de um garoto entusiasta em computadores até hacker anti-establishment e por fim figura importante do terrorismo na era digital, as tentativas de contatar sua família são recebidas com resistência. A vizinha de porta, no entanto, descreve a família como “não religiosa, educada e adorável”. E comenta: “Não foi na mesquita, nem na família, foi um computador (responsável pela sua radicalização); ele poderia ser o filho de qualquer um” (CNN, *Mostly Human*, 2017).

³ Informações sobre a trajetória de Junaid Hussain encontram-se nas diversas fontes citadas neste texto. Para relatos mais abrangentes, ver Murphy, 2015; Lesaca, 2017, p. 264-267; CNN, *Mostly Human*, 2017; CNN, 2015; Francesci-Bicchierai, 2015.

O percurso de Junaid Hussain parece marcado por ambiguidades, com ele ora no papel de anarquista anti-autoridade, ora atuando como um militante religioso com uma missão. Essas ambiguidades e as diferentes *personae* que apresentou ao longo de sua breve vida talvez tenham sido os elementos que levaram Sean Sullivan, agente de segurança que vigiava Hussain e que dialogou com ele em diversas ocasiões, discutindo inclusive filosofia japonesa e sua convicção de que conhecimento é poder, a afirmar que “era um garoto em busca de algo para acreditar, para se associar [...] literalmente um rebelde sem causa” (Drinkwater, 2015).

De acordo com uma entrevista concedida para o *Softpedia News* em 2012, em que ele é descrito como “cerebral e tímido”, e um dos hackers mais competentes do Reino Unido, o jovem, na época com 17 anos, afirmou ter começado a hackear aos 11 anos, com a intenção de “se vingar” de um outro garoto em um jogo virtual de videogame. Aos 15 anos, com o *nom de guerre* de TriCk, fundou o TeaMpOisoN, um grupo de hackers dedicado a chamar atenção para as “causas dos oprimidos” na Nigéria, Peru, Síria, Caxemira e, principalmente, na Palestina. Ele relata que se tornou politizado quando começou a assistir a vídeos de crianças sendo mortas em lugares como a Caxemira e a Palestina. Afirma que “queria saber por que isso acontecia e quem era responsável [...] tinha muitas perguntas [...] pesquisei na Internet, vi documentários [...] senti muita raiva”. Segundo seu depoimento, foi isso que transformou a maneira como vivia e como via o mundo. Passou a usar o hacking como forma de comunicação, atacando sites “para criar consciência para essas causas e ‘bully’ organizações corruptas e as constranger através de vazamentos [...] o que eu chamo de hacktivism” (*Softpedia News*, 2012).

Durante o período em que foi líder do TeaMpOisoN, Hussain esteve envolvido em uma série de ataques cibernéticos de natureza política. Em 2012, em parceria com o coletivo Anonymous, ele lançou a Op: Free Palestine (Operação Palestina Livre), ocasião em que 200 cartões de crédito de cidadãos israelenses foram hackeados e os detalhes dos seus usuários divulgados no *pasteup*, juntamente com uma lista de resoluções das Nações Unidas condenando Israel por crimes contra a Palestina. Hussain também foi responsável por hackear e divulgar uma lista com os nomes e endereços dos membros do partido nacionalista de extrema direita England Defence League (Liga de Defesa da Inglaterra), e por desfigurar os sites do Ministério de Defesa da Inglaterra e da OTAN. Considerado um exímio programador, o jovem interceptou ligações da linha de antiterrorismo da agência de inteligência britânica Scotland Yard, gravando as conversas e divulgando-as no Youtube

(*Sky News*, 2012). Em uma entrevista sobre as interceptações, concedida em 2012 ao jornal *The Telegraph*, Hussain argumenta que eles eram “os verdadeiros terroristas, que aprisionavam pessoas inocentes sem evidências e invadiam países para seu próprio benefício”. Embora, nessa entrevista, Hussain tenha afirmado que os membros do TeaMpOisoN eram “de todos os lugares do mundo”, não tinham religião e raça, eram “anarquistas” e acreditavam em igualdade para todos, ele cita as novas leis antiterrorismo que permitiam a escuta de cidadãos, e a extradição de Babar Ahmad e Adel Abdel Bary,⁴ entre outros, como a principal razão para o ataque (Evans, Williams e Furness, 2012).

A identificação e solidariedade de Hussain acomodava tanto anarquistas ateus quanto islamistas acusados de terrorismo e apoiadores do Talibã. O caráter ambíguo, e mesmo contraditório, dos seus sentimentos e vinculações se evidencia nas táticas e plataformas que ele considerava como efetivas para seu ativismo. Ao *Softpedia*, ele declarou que tinha apreço pelo Anonymous, mas considerava que a forma como o grupo atuava “não era efetiva”. Comparando a ação do grupo com a do TeaMpOisoN, qualificou este último como “uma guerrilha da Internet”, enquanto o Anonymous seria mais análogo a um “protesto pacífico”, concluindo que “eles não enxergavam o contexto mais amplo” (*Softpedia News*, 2012). Guerra e violência ainda não faziam parte do seu discurso, e seu objetivo principal era levar a efeito uma luta de conscientização, travada em diversas frentes. Hussain e o TeaMpOisoN também desenvolviam sua militância na perspectiva da luta econômica, sem teor religioso ou étnico, tendo inclusive lançado, em 2011, uma campanha intitulada Op Robin Hood, em conexão com o movimento Occupy Wall Street, em que o grupo ameaçava hackear instituições financeiras e “tomar dos bancos [para] dar aos 99%”. Uma proposta que, se um tanto inocente, não indicava inclinação para confrontos diretos ou violentos (Neal, 2011). Hussain chegou a participar de um vídeo (Censor Dis 2) considerado uma espécie de hino do Anonymous, em que um grupo de jovens acompanhava três rappers razoavelmente conhecidos na cena local (Tabanacle, Proverbz e L Jinny) que discursavam sobre ocupar as ruas, lutar contra corporações e revelar as “mentiras do sistema”. Em uma referência à resistência do grupo, os jovens ameaçavam “ocupar todas as

⁴ Babar Ahmad é um muçulmano britânico de origem paquistanesa, que permaneceu de 2004 a 2012 lutando contra a extradição para os EUA, onde era acusado de auxílio material para atos terroristas através de um website fundado para publicar histórias sobre a Chechênia e a Bósnia. Quando Ahmad foi extraditado para os EUA em 2012, ele era o prisioneiro britânico que mais tempo havia passado preso sem julgamento.

Adel Mohammed Abdel Magid Abdel Bari é um militante egípcio que também lutava, no Reino Unido, para não ser extraditado para os EUA, onde era procurado em conexão com o bombardeio da Embaixada Norte Americana no leste da África. Ele foi extraditado para os EUA em outubro de 2012.

terras de todas as cidades [...] em trincheiras [...] uma legião em máscaras e alguns *snipers*” no que, visto em retrospectiva, poderia parecer desconfortavelmente próximo a um discurso do EI se não fosse acompanhado pela declaração “nós estamos tentando acabar com a violência” (Genius, s/d [1]).

No que parece trafegar entre interesses de um jovem convencional, por um lado, e de um membro do Black Bloc, por outro, Hussain demonstrava entusiasmo por hip hop e esportes, em especial pelo boxe, e afirmava que, apesar de ter um trabalho remunerado, não pagava impostos, porque não queria “ser escravo de nenhum governo ou corporação”. Quando questionado sobre a possibilidade de ser preso, ele respondeu que não reconhecia a lei ou seus representantes, não temia a “prisão” e que, em verdade, ser preso poderia até ser positivo, pois ficaria protegido do “mundo louco” do lado de fora e poderia se concentrar em si mesmo e praticar sua religião, concluindo com a afirmação “eu não temo nada nem ninguém, somente Allah”. Ele termina a entrevista com o que chama de filosofia pessoal, a já citada convicção de que “conhecimento é poder”. Essas declarações são indicativas de que, naquele momento, o jovem se encontrava entre a contracultura e a religião, o Anonymous e o EI.

Em 2012, com a idade de 18 anos, o ativismo de Hussein o levou à prisão, no que pode ser considerado como um ponto de inflexão na sua trajetória. Foi condenado a seis meses de prisão por hackear a conta de e-mail de uma assistente especial do ex-primeiro ministro britânico Tony Blair. De posse de e-mails confidenciais, o hacker divulgou na Internet os contatos e detalhes pessoais do político, de sua esposa e filhos, assim como de outros membros do parlamento inglês. Hussain acabara de ser aprovado no ensino médio e de receber oferta de vaga em duas universidades importantes para estudar ciência da computação, quando investigadores bateram à sua porta e encontraram, na caixa de mensagens diretas de sua página de facebook, mensagens onde o jovem se vangloriava das suas intervenções, inclusive do caso Tony Blair. Embora, em sua defesa, o advogado tenha alegado que seu cliente “entendia a estupidez do que havia feito e estava arrependido”, que se tratava de “uma brincadeira adolescente” e não de terrorismo, acrescentando que ele era “um garoto tímido e discreto”, Hussain confessou o crime de distúrbio da ordem pública, invasão e divulgação de dados privados e foi condenado a cumprir pena de seis meses (*The Telegraph*, 2012).

Uma semana antes de sua condenação o TeaMpOisoN, junto com o Anonymous e um rapper em ascensão na cena local chamado L Jinny (Abdel-Majed Abdel Bary), lançou

um vídeo clip como parte de uma campanha de solidariedade a Hussain intitulada #OpFreeTriCk. A letra do rap alternava jargões anticapitalistas e anti-imperialistas, oposição a Israel e às intervenções bélicas do Ocidente no Oriente Médio, além de menções ao uso da droga Ketamina e às dificuldades de se manter são e combativo em meio a um “sistema” corrupto, onde a “mídia” reproduzia mentiras. Desafiador, combativo, politizado e descolado podem ser adjetivos usados para descrever o rapper autor da música. O teor do vídeo, a linguagem e a mensagem condiziam com a trajetória de Hussain e do grupo até aquele momento (Youtube, 2012; Genius., s/d, [2]). Bary era amigo de Hussain e, como apontado acima, este já havia feito um cameo em outro vídeo do rapper, Censor Dis 2. Os dois tinham interesses similares – hip hop, cultura de rua, hacking, política, Palestina e Islã. Bary, como Hussain, não era conhecido por sua prática religiosa mas se identificava como muçulmano e era filho de Adel Abdel Bary, acusado de terrorismo cuja extradição para os EUA em 2012 foi citada por Hussain como um dos motivos para o ataque às linhas do departamento de antiterrorismo.

Ninguém entre o seu grupo de amigos reais e virtuais diz ter tido qualquer contato com Hussain no período que se seguiu imediatamente à prisão. Um ex-membro do TeaMpOisoN disse que ele passou a evitar os amigos antigos. Logo se tornou claro o motivo. De acordo com as autoridades britânicas, em julho de 2013 ele se envolveu em uma briga de rua e, enquanto aguardava julgamento, fugiu para a Síria. Posteriormente, evidenciou-se que Hussain não tinha ido sozinho, mas acompanhado por Abdel Bary, o L Jinny. Quando entrevistado no programa *Mostly Human* sobre Junaid Hussain, o rapper Tabanacle, parceiro musical de L Jinny com quem ele aparece em inúmeros trabalhos, sempre se refere à trajetória de Hussain, a sua radicalização e envolvimento com o EI no plural: “eles pensaram ‘ninguém está ajudando o meu povo, eu tenho que ajudá-lo’ [...] eu acredito que eles foram manipulados, eles não sabiam o que iriam encontrar [...] e quando se deram conta já estavam demasiadamente envolvidos”. Tabanacle se referia aos dois amigos, Junaid e Bary (CNN, *Mostly Human*, 2017).

Em janeiro de 2014, Hussein já estava se comunicando com muçulmanos britânicos, esclarecendo dúvidas para aqueles que desejavam migrar. A imagem de perfil da sua conta de twitter, antes um desenho de um menino de costas com pedras na mão e adornado pela bandeira da Palestina, deu lugar a uma foto de um jovem (o próprio Hussain) com o rosto parcialmente coberto por um lenço preto e um rifle kalashnikov com a mira voltada para a câmera. Ele também adotara um novo nome: Abu Hussain Al-Britani. Na nova conta, uma

postagem dizia: “Você pode ficar sentado em casa jogando Call of Duty ou responder a seu verdadeiro chamado [...] a escolha é sua”. Em fevereiro de 2014, já também com o novo alias de “Terrorist”, Bary, em um tweet um tanto pitoresco, atesta a presença dos dois na região: “eu & Abu Hussain al Britani fomos sequestrados/torturados pela escória da FSA/IF (Free Syrian Army/Islamic Front). Eles roubaram nossas 4 AK’s e uma pistola 7mm, meu veículo, nossos telefones e dinheiro” (*Mail Online*, 2014). No que foi chamado de “sonho para elaboradores de manchetes”, em agosto de 2014, uma mulher de nome UmmHussainAlBritani escreveu em sua conta de twitter: “Alhamdulillah eu e meu marido conseguimos chegar no Estado Islâmico depois de ficarmos empacados em Idlib por 7 meses & estamos agora vivendo no califado #isis”. A foto do perfil era de uma mulher com uma burca, onde só um olho azul se mostrava visível. Era Sally-Ann Jones, uma inglesa com então 45 anos que havia conhecido Hussain em fóruns virtuais, se envolvido com ele e o seguido para a Síria, levando consigo seu filho de 9 anos. Em dezembro de 2013, os dois se casaram. A “radicalização” de Sally Jones – que havia, entre outras coisas, sido guitarrista de uma banda punk de mulheres – e sua subsequente militância nas redes sociais ao lado do marido representaram um consumado deleite para os tabloides britânicos sensacionalistas (Greenwood, 2014; Gadher, 2017; Sengupta, 2017).

Em pouco tempo, o CyberCaliphate, um exército de hackers e ativistas do Estado Islâmico em redes sociais, liderado por Hussain, entraria em ação. Em que pese a comunicação do EI já ser profícua antes da sua chegada na Síria, não há dúvidas de que sua presença foi responsável por uma mudança de alcance e estilo. Até janeiro de 2015, o Califado Virtual era desconhecido. Nesse mesmo mês, ele foi responsável por hackear a página oficial do Twitter do Comando Central Norte Americano, substituindo as imagens oficiais pela de um militante mascarado, com a frase “I love you ISIS”. Ele também passou a ensinar o alto escalão do EI como se comunicar com segurança e a oferecer cursos sobre hacking e coding, além de orquestrar recrutamento com base em conhecimento tecnológico. Essa, no entanto, não era sua principal função. Até sua morte, Hussain não só a coordenou a parte técnica, mas foi responsável por cunhar o conteúdo ideológico, embora, de modo semelhante ao Anonymous, a militância virtual do EI nunca tenha sido centralizada. Sua familiaridade com a linguagem e as dinâmicas dos fóruns e redes sociais fizeram com que o britânico tenha se tornado imprescindível para o EI (Gallagher, 2016; *Sky News*, 2015; Goldman e Schmitt, 2016; Dearden, 2017). O analista de propaganda virtual Jon Nichols (ele próprio um ex-hacker que monitorava Hussain antes do seu envolvimento com o EI)

atribui a Hussain a capacidade de recrutamento com o diferencial de ser “muito carismático”. De acordo com Nichols, o interlocutor “não tinha que ser um ávido leitor do alcorão para se deixar seduzir pela narrativa”. Em verdade, era o dom para “propagandear” e a capacidade de transmitir as mensagens em uma linguagem adequada às plataformas virtuais que tornava Hussein especial, “o que o tornava tão perigoso”.

O binarismo simplista do “nós” contra “eles” se mostrou particularmente efetivo com seguidores no Ocidente. Hussain o reproduzia, na tentativa de mobilizar outros jovens a realizarem ataques em seus países. Foi justamente uma dessas “missões”, em que ele ofereceu apoio ideológico para que dois americanos abrissem fogo em uma competição de desenhos do profeta Maomé no Texas, em 2015, que definiu a relevância da sua eliminação pelos EUA (Callimachi, 2015). Seu comentário sobre a morte dos dois atacantes, em uma troca de tiros com a polícia, foi “a morte é preferível a viver humilhado”. Seria esse o sentimento do jovem que se descrevia como um “randômico *mujahid* Britânico em algum lugar da Síria” quando ele decidiu se juntar ao EI?

De fato, mesmo em “algum lugar da Síria” Hussain manteve muitos elementos da sua vida anterior. Mesmo quando já integrava o alto escalão do EI, ele continuava a negociar essas identidades, na linguagem utilizada, na maneira como se referia à religião (assunto periférico nas suas postagens), no idioma que utilizava, no nome adotado, nas pessoas com as quais se relacionava⁵ e não menos na mulher com quem escolheu se casar. Foram justamente esses vínculos que permitiram que o FBI o localizasse. Os antigos companheiros do TeaMpOisoN relatam que Hussain os procurava para esclarecer dúvidas de ordem técnica, acionando seu antigo parceiro de hacking para ajudá-lo a manter vídeos no ar sem que o FBI os censurasse, por exemplo. MHL disponibilizou as imagens das conversas dos dois no Skype, com Hussain com uma balaclava e um AK47 visível sobre uma mesa (Franceschi-Bicchierai, 2015). Foi em um desses contatos que ele recebeu o link de um antigo amigo do meio hacker. Ao acessá-lo, o telefone de Hussain foi contaminado, relevando sua exata localização aos operadores do drone que o matou (Eordogh e Franceschi-Bicchierai, 2015).

Aspectos das diferentes *personae* de Hussein foram amplamente tratados, se poderia mesmo dizer construídos, em diversos tipos de mídia. Essa construção e suas circunstâncias serão objeto de um dos capítulos da minha tese. Por ora, concluo a breve apresentação de

⁵ Há um vídeo em que quatro dos principais membros do EI de origem britânica “relaxavam” em um café em Raqqa. O autor do vídeo disse haver uma “pequena Britania” em certas regiões, onde os estrangeiros de origem inglesa socializavam entre si (Ensor e Krol, 2017).

sua trajetória com observações de Lorraine Murphy em artigo sobre Hussain na *Vanity Fair*. De acordo com Murphy, essa história singular “demonstra perfeitamente o que atrai guerreiros digitais em cada lado – e os princípios, táticas e riscos para cada dos (em sua maioria) jovens envolvidos”. Tanto o Anonymous quanto mais tarde o EI ofereceram a ele um “uma saída da vida cotidiana e um senso de agência. O Anonymous, anárquico e existencial, significativamente povoado de humanistas seculares e ateístas, oferece uma razão para se viver. O EI, hierárquico ao extremo, nascido das linhas de frente das intervenções Norteamericanas e Russas no Iraque e na Síria [...] dá a seus seguidores e crentes uma razão para se morrer” (Murphy, 2015).

Referências

ATWAN, A. B. 2015. *Islamic State: The Digital Caliphate*. Londres, Saqi Books.

CALLIMACHI, R. 2015. Clues on Twitter Show Ties Between Texas Gunman and ISIS Network. *New York Times*, Nova York, 11 Mai. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2015/05/12/us/twitter-clues-show-ties-between-isis-and-garland-texas-gunman.html>. Acesso em: 12/01/2018.

CNN, 2015. Who is jihadi hacker Junaid Hussein? Disponível em: <http://edition.cnn.com/videos/world/2015/05/06/pkg-shubert-uk-jihadi-hacker.cnn>. Acesso em: 10/09/2017.

CNN, 2017. Mostly Human, Hacker Down: ISIS' Twitter Star. Disponível em: <http://money.cnn.com/mostly-human/hacker-down-isis-twitter-star/>. Acesso em: 10/12/2017.

COKER, M; YADRON, D.; PALETTA, D. 2015. Hacker Killed by Drone Was Islamic State's "Secret Weapon". *The Wall Street Journal*. Nova York, 27 Ago. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/hacker-killed-by-drone-was-secret-weapon-1440718560>. Acesso em: 12/11/2027.

DEARDEN, L. 2017. Isis urged undercover BBC reporter to launch terror attacks in London Bridge and Westminster. *The Independent*. Londres, 4 Set. Disponível em: <http://www.independent.co.uk/news/uk/home-news/isis-undercover-bbc-reporter-london-bridge-terror-attacks-westminster-borough-market-online-a7928641.html>. Acesso em: 3/01/2018.

DRINKWATER, D. 2015. British man suspected of Pentagon Twitter hack. *SC Media US*, 14 Jan. Disponível em: <https://www.scmagazine.com/british-man-suspected-of-pentagon-twitter-hack/article/537273/>. Acesso em: 7/01/2018.

ENSOR, J; KROL, C. 2017. Inside Jihadi John's lair: Britain's most notorious Isil terrorists unmasked together for first time. *The Telegraph*, Londres, 25 Set. Disponível em: https://www.telegraph.co.uk/news/2017/09/25/inside-jihadi-johns-lair-britains-notorious-isil-terrorists/?utm_source=t.co&utm_medium=referral. Acesso em: 25/09/2017.

EORDOGH, F.; FRANCESCHI-BICCHIERAI, L. 2015. Hacker Outs Himself as FBI "Snitch" and Claims He Helped Track Down ISIS. *Motherboard / Vice*. Disponível em: https://motherboard.vice.com/en_us/article/nz7w9b/hacker-outs-himself-as-fbi-snitch-and-claims-he-helped-track-down-isis. Acesso em: 5/11/2017.

EVANS, M.; Williams, C.; FURNESS, H. 2012. Two arrested after hackers attacked anti-terror hotline. Londres, *The Telegraph*, 12 Abr. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/news/9201621/Two-arrested-after-hackers-attacked-anti-terror-hotline.html>. Acesso em: 15/09/2017.

FRANCESCHI-BICCHIERAI, L. 2015. How a Teenage Hacker Became the Target of a US Drone Strike. *Motherboard / Vice*. Disponível em:

https://motherboard.vice.com/en_us/article/jp5wed/junaid-hussain-isis-hacker-drone. Acesso em: 5/11/2017.

GADHER, D. 2015. British hacker is No 3 on Pentagon "kill list". Londres, *The Times*, 2 Ago. Disponível em: <https://www.thetimes.co.uk/article/british-hacker-is-no-3-on-pentagon-kill-list-6g95bfqwfz>. Acesso em: 3/09/2017.

_____. 2017. My pillow talk with Jihadi Sally. *The Times*. Londres, 15 Out. Disponível em: <https://www.thetimes.co.uk/article/my-pillow-talk-with-jihadi-sally-5bchj6238>. Acesso em: 12/12/2017.

GALLAGHER, S. 2016. As US drops "cyber bombs," ISIS retools its own cyber army". *Ars Technica*, 28 Abr. Disponível em: <https://arstechnica.com/information-technology/2016/04/as-us-drops-cyber-bombs-isis-retools-its-own-cyber-army/>. Acesso em: 3/01/2018.

GENIUS, s/d [1]. Op Censor Dis 2 Lyrics. Disponível em: <https://genius.com/Tabanacle-op-censor-dis-2-lyrics>. Acesso em: 5/09/2017.

GENIUS, s/d [2]. TeaMpOison & Anonymous Lyrics. Disponível em: <https://genius.com/L-jinny-teampoisn-and-anonymous-lyrics>. Acesso em: 8/09/2017.

GOLDMAN, A.; SCHMITT, E. 2016. One by One, ISIS Social Media Experts are Killed as Result of F.B.I. Program. Nova York, *The New York Post*, 24 Nov. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/11/24/world/middleeast/isis-recruiters-social-media.html>. Acesso em: 12/01/2018.

GREENWOOD, C. 2014. Revealed: Benefits mother-of-two from Kent once in all-girl rock band who is now jihadi in Syria - and wants to 'behead Christians with a blunt knife'. Mail Online. Londres, 31 Ago. Disponível em: <http://www.dailymail.co.uk/news/article-2739006/Revealed-How-middle-aged-mother-two-Kent-used-girl-rock-band-reinvented-jihadi-threatening-behead-Christians-blunt-knife.html>. Acesso em: 10/12/2017.

HALL, S. 2015. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 12^a. ed., Rio de Janeiro, Lamparina.

LESACA, J. 2017. *Armas de seducción masiva: la factoría audiovisual de Estado Islámico para fascinar a la generación millennial*. Barcelona, Ediciones Península.

MAIL ONLINE. 2014. 'The scum stole our cash': 'Hip hop jihadist' who left £1m London home to fight in Syria complains on Twitter of being kidnapped, tortured and robbed by FELLOW Islamists. Londres, 9 Mar. Disponível em: <http://www.dailymail.co.uk/news/article-2576695/Hip-hop-jihadist-claims-kidnapped-tortured-robbed-fellow-Islamists.html>. Acesso em: 12/12/2017.

MALIK, K. 2012. *From Fatwa to Jihad: How the World Changed from The Satanic Verses to Charlie Hebdo*. Londres, Atlantic Books.

_____. 2014. *Multiculturalism and its Discontents: Rethinking Diversity after 9/11 (Manifestos for the 21st Century)*. Chicago, The University of Chicago Press.

———. 2015. The Failure of Multiculturalism: Community Versus Society in Europe. *Foreign Affairs*, 94(2), Mar. / Abr. 2015. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/western-europe/2015-03-01/failure-multiculturalism>. Acesso em: 20/09/2015.

MILLER, G.; MEKHENNET, S. 2015. Inside de surreal world of the Islamic State's propaganda machine. *Washington Post*, Washington, 20 Nov.. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/world/national-security/inside-the-islamic-states-propaganda-machine/2015/11/20/051e997a-8ce6-11e5-acff-673ae92ddd2b_story.html?utm_term=.05a30572a08a. Acesso em: 1/01/2018.

MURPHY, L. 2015. The curious case of the jihadist who started out as a hacktivist. *Vanity Fair*, 15 Dez.. Disponível em: <https://www.vanityfair.com/news/2015/12/isis-hacker-junaid-hussain>. Acesso em: 2/01/2018.

NEAL, D. 2011. Anonymous and Team Poison start Op Robin Hood. Londres, 28 Nov. Disponível em: <https://www.theinquirer.net/inquirer/news/2128175/anonymous-team-poison-start-op-robin-hood>. Acesso em: 5/09/2017.

ROY, O. 2006. *Globalized Islam: The Search for a New Ummah*. Nova York, Columbia University Press.

———. 2017. *Jihad and Death: The Global Appeal of the Islamic State*. Londres, Hurst & Company.

SENGUPTA, K. 2017. Sally Jones: How did a woman from Kent join Isis and became the 'White Widow'?. *The Independent*. Londres, 12 out. Disponível em: <http://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/sally-jones-white-widow-dead-uk-isis-jihadi-kent-junaid-hussein-drone-strike-syria-a7997251.html>. Acesso em: 13/12/2017.

SKYNEWS, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aKeBZDfDDm4>. Acesso em: 12/09/2017.

SKYNEWS, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zG2MOZK2f30>. Acesso em: 10/12/2017.

SOFTPEDIA NEWS, 2012. Hackers Around the World: It's No TriCk, He's Among the Best in the UK. Disponível em: <http://news.softpedia.com/news/Hackers-Around-the-World-It-s-No-TriCk-He-s-Among-the-Best-in-the-UK-253652.shtml>. Acesso em: 6/10/2017.

THE TELEGRAPH. 2012. 'Team Poison' hacker who posted Tony Blair's details is jailed. Londres, 27 Jul. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/technology/internet-security/9432459/Team-Poison-hacker-who-posted-Tony-Blairs-details-is-jailed.html>. Acesso em: 15/09/2017.

YOUTUBE. 2012. TeaMpOisoN #Op Free TriCk. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KWzi2T6GbsU>. Acesso em: 8/09/2017.